



PESCA ARTESANAL Reserva Extrativista Canavieiras, na Bahia: subsistência

REDE PROTETORA

ONG financiada por Michael Bloomberg põe em prática campanhas pela recuperação da fauna da costa brasileira envolvendo pescadores e instituições **FERNANDA ALLEGRETTI**

O BRASIL VIVE um paradoxo na pesca. Apesar do litoral extenso — são nada menos do que 8 500 quilômetros de costa —, a fauna marinha é parca. Isso se deve principalmente à baixa concentração de nutrientes encontrados naquela área, repleta de correntes de águas quentes que dificultam a proliferação e a circulação de alimentos essenciais para os peixes, como microrganismos e microalgas. Somem-se a isso o aumento do consumo de pescados e a quase inexistência de dados referentes às espécies marinhas e teremos, então, o ambiente propício para a redução e até a extinção da maioria delas.

A ONG americana Rare, que se instalou no país em 2014, vem tentando minimizar esse dramático cenário. Financiada sobretudo pela Bloomberg Philanthropies, instituição do bilionário Michael Bloomberg, ex-prefeito de

Nova York, a Rare acaba de iniciar as chamadas “campanhas por orgulho”. Explica Luís Lima, diretor executivo da ONG no Brasil: “O principal intuito é estimular o envolvimento dos pescadores na gestão das áreas marinhas protegidas. Para isso, lançamos mão de um esforço coordenado que engloba desde o despertar do orgulho pelos recursos naturais até ações de monitoramento biológico”.

São seis as localidades escolhidas para as primeiras campanhas: Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé, em Santa Catarina; reservas extrativistas marinhas Baía de Iguape e Canavieiras, ambas na Bahia; Reserva Extrativista Marinha Prainha do Canto Verde, no Ceará; Reserva Extrativista Marinha de Cururupu, no Maranhão; e Reserva Extrativista Marinha Delta do Parnaíba, na divisa entre Piauí e Maranhão. As reservas extrativistas mari-

nhas, ou Resex, são áreas protegidas utilizadas pelas comunidades que dependem do extrativismo para a própria subsistência. Elas foram selecionadas porque, no Brasil, 50% dos pescados são provenientes da pesca artesanal.

Cada uma das Resex tem um líder escolhido e treinado pela Rare e está vinculada a instituições parceiras, como ONGs, entidades governamentais e universidades — estas responsáveis pela coleta de dados a respeito das reservas. Espera-se que, dentro de alguns anos, seja possível analisar os efeitos das campanhas com base em dados quantitativos sobre os cardumes de cada uma das reservas.

O que ainda não pode ser medido objetivamente já está evidente nas redes dos pescadores. “Sempre me lembro do meu pai falando da abundância de peixes. Hoje, nossa vida é muito difícil. Estimamos uma redução de 80% na oferta de pescados”, diz Josenilde Ferreira Fonseca, pescadora, filha e mulher de pescador, da Resex Cururupu, no Maranhão.

Líder da Rare naquela região, Josenilde acredita que a demarcação dos locais de desova, que será feita em parceria com a Universidade Federal do Maranhão, e os projetos de alternativa de renda para as famílias poderão trazer de volta a hoje longínqua realidade de seus antepassados. “Temos muitas frutas, como manga, caju e murici, que estragam no pé porque ninguém vai atrás delas. Uma das iniciativas da campanha é mostrar que elas também têm valor e podem ser uma fonte alternativa de renda, em especial no período de resguardo das espécies”, diz ela.

Para que a carência de peixes não chegue à mesa do consumidor, a mudança representada por iniciativas dessa natureza, com agentes atuando em rede, será cada vez mais essencial. ■